

O médico e os monstros:

a atuação de José Cândido Ferraz em meio aos conflitos políticos
e aos incêndios criminosos em Teresina na década de 1940¹

*Francisco Chagas O. Atanásio*²

Resumo: O artigo em questão visa abordar as desavenças e embates sócio-políticos no início da década de 1940, no estado do Piauí, em especial em sua capital: Teresina. Tal fase corresponde à presença do interventor federal, instituído pelo então presidente Getúlio Vargas: Leônidas de Castro Melo. Um período conturbado e marcado por uma série de ações criminosas como os incêndios frequentes nas regiões da periferia/centro da cidade e os atos de repressão e tortura policial, liderados pelo chefe da polícia militar, Evilásio Vilanova, à procura de bodes expiatórios para expor a opinião pública da época. Nesse mesmo contexto, observamos a ascensão política do jovem médico José Cândido Ferraz, que se destacou pelas críticas e denúncias realizadas constantemente em seus discursos públicos, se colocando como uma das principais frentes oposicionárias do governo e, conseqüentemente, atraindo-se para o epicentro dos conflitos e relações de forças insurgentes em tal momento. Para o desenvolvimento desta abordagem se fará uso de romances, historiografia e artigos jornalísticos da época, que dialogam paralelamente e oferecem reflexões sobre os episódios que constituem tal evento.

Palavras Chave: Violência e crime; Cândido Ferraz; Teresina

Abstract: The article in question aims to address the socio-political disagreements and clashes in the early 1940s, in the state of Piauí, especially in its capital: Teresina. This phase corresponds to the presence of the federal intervenor, instituted by the then president Getúlio Vargas: Leônidas de Castro Melo. A troubled period marked by a series of criminal acts such as frequent fires in the peripheral / city center areas and acts of repression and police torture, led by military police chief Evilásio Vilanova, in search of scapegoats to expose opinion of the time. In this same context, we observe the political rise of the young doctor José Cândido Ferraz, who stood out for the criticisms and denunciations constantly made in his public speeches, becoming one of the main opposing fronts of government and, consequently, attracting himself to the epicenter of conflicts and relations of insurgent forces at such a time. For the development of this approach will be used romances, historiography and journalistic articles of the time, which dialogue in parallel and offer reflections on the episodes that constitute such event.

Keywords: Violence and criminality; Cândido Ferraz; Teresina city

The doctor and the monsters: the presence José Cândido Ferraz in the midst of political conflicts and the criminal fires in Teresina in the early 1940s

¹ O artigo é uma adaptação textual de parte do segundo capítulo de minha tese de doutorado. Para leitura da versão completa, ver: ATANÁSIO, Francisco C. O. **Bem além da cova do “Leão”**: tensões políticas, cultura de violência, e criminalidade, no Piauí, através de uma trajetória pouco venturosa (1901-1956). Curitiba: Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR), 2016. Tese de Doutorado.

² Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí – UESPI/CM. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Email: franciscoatanasiojr@hotmail.com

Se cada um pudesse habitar numa entidade diferente,
a vida se libertaria de tudo o que é intolerável...
(Robert L. Stevenson)

Um pouco de história e estórias sobre a capital

Por muito tempo, se rezou entre as falas dos narradores diletantes mais antigos da região que o interesse repentino do então presidente da província do Piauí, o Conselheiro José Antônio Saraiva, em transferir a capital do estado, de Oeiras para Teresina, no ano de 1852, se dava por dois motivos bastante peculiares e aparentemente distantes: o usufruto do rio Parnaíba para navegação portuária, visando, conseqüentemente, estabelecer uma maior dinâmica nas práticas comerciais, e reduzir a distância entre ele e uma puta, por quem era apaixonado, e que morava do outro lado do rio, em Timon.

Pilherias e especulações à parte, o que se observa na história e compleição da geografia urbana da capital é que essa relação entre o rio e a prostituição, ao contrário do que se pudesse pensar, *a priori*, é bastante íntima e ajuda a contar um pouco das práticas de sociabilidade e do cotidiano da cidade piauiense em sua constituição histórica.

A região portuária de Teresina³, conformada às margens do rio Parnaíba, era um espaço que se volvia em novas experiências, diga-se, não apenas comerciais, mas, agregadas a estas, outras séries de movimentos distintos nos quais se aglomeravam viajantes, trabalhadores, errantes, enfim, aventureiros de todo tipo, lançando mão à sorte, a procura dum meio pelo qual pudessem levar e ganhar a vida.

Com o desenvolvimento da urbe, a esfera centro-comercial de Teresina foi se fazendo, e, paralelamente a esta, se estabelecia também outros espaços, dentre eles o espaço dedicado ao deleite e a erótica, o espaço de negociação do sexo e da libido. Enfim, a “cartografia do prazer” começava a ser traçada em Teresina, o recinto mátrio da “filha do sol do equador”:

³ Algo que chama a atenção é que o porto usado para as relações comerciais oriundas da capital não se situava exatamente em Teresina, mas no Porto de São José das Cajazeiras do outro lado – à direita - do rio na cidade de Timon-ma, Maranhão, município vizinho à Teresina. Em grande medida, o uso do Porto das Cajazeiras também afetou a transformação daquele espaço, uma vez que ampliou a mobilização de um fluxo demográfico, o que contribuiu para o crescimento e a lenta urbanização da localidade. Cf: SANTOS, Raimundo N. L. dos. **Timon, uma flor de cajazeira**: do povoamento à vila. Timon: Grafeti, 2007.

A zona do meretrício nasceu com a cidade e cresceu junto com ela, produzindo uma história baseada em prazeres ilícitos, vícios e outras práticas transgressoras. Seus agentes sempre foram marginalizados como sujeitos históricos, destinando-se a eles apenas o silêncio... Localizada à margem direita do rio Parnaíba, Teresina, desde a sua fundação, por mais de meio século, teve seu crescimento econômico impulsionado pela navegabilidade fluvial possibilitando que à margem do rio, no trecho onde as embarcações ancoravam, fosse construído o cais, e nas suas imediações fossem instalados os primeiros armazéns das companhias de comércio estrangeiro e outros estabelecimentos comerciais. Era grande o fluxo da população masculina: homens de negócio, viajantes, timoneiros, caixeiros, estivadores, curiosos e vagabundos. Entre eles surgiram os primeiros agentes da prostituição, cuja prática não ficaria circunscrita àquele espaço geográfico (SÁ FILHO, 2006, p.53).

Como proposto na menção descrita acima, uma parte do que viria ser conhecida como a zona central da cidade ia sendo desenhada a partir dos limites do Rio Parnaíba. Em torno dela foi se constituindo vários estabelecimentos comerciais como também um significativo crescimento demográfico, o qual intensificou um determinado fluxo associado ao deslocamento de indivíduos dos mais variados tipos e localidades, que procuravam se fixar na capital a qualquer modo.

Logo, um espaço de contraste ia também sendo modelado, pois a mesma zona em que se via o crescimento do comércio, creditando-se até então uma ideia de progresso, se presenciava, paralelamente, o surgimento da periferia, marcada pela pobreza e precarização das moradias, como outras carências ligadas ao saneamento básico, sendo que a ocupação por casas de palha tornou-se marca dessa região. No século XX, dos anos 30 e 40, encontramos a descrição de uma ambientação “cinzenta”, de contraste, que pigmentava “os becos estreitos e sujos entre as casas pobres” (IBIAPINA, 2007, p.12) do centro.

Nessa fase, a região central já era conhecida por Teresina, não só por sua dinâmica comercial, mas pela fama dos serviços prestados no bairro Palha de Arroz, um espaço periférico que se transformava completamente no entardecer do dia. Um lugar de “se perder a hora”, em que o tempo parecia correr mais lento, não havia qualquer indicio de glamour, a não ser quando os “homens bons” apareciam no meio da noite para saciar suas taras lascivas, com as meretrizes que “acaloravam” a noite.

Estimulados por uma pernicioso “invenção do diabo” (QUEIROZ, 1993), como asseverava a casta mais conservadora da cidade, muitos jovens, alguns ainda estudantes do Liceu Piauiense, também procuravam viver as maravilhas carnais nos cabarés do famigerado

bairro. O cinema, uma das grandes atrações de entretenimento e lazer na capital, atraía a juventude e estimulava os anseios mais íntimos de moças e rapazes, inspirados nos romances protagonizados nas salas de projeções – espaço que, vez e outra, era cenário para algum casal mais afoito, que aproveitava a ambientação escura, para transgredir a fronteira da moralidade e do bom comportamento (CARDOSO, 2010).

Levados à hipnotize pela linguagem dos corpos esbeltos e modelados das estrelas hollywoodianas, os rapazes fantasiavam com as divas da época como Shirley Temple, Norma Shearer, Greta Garbo, e se juntavam aos boêmios da cidade e outros tipos, na noite, quando chegava a hora de “soltar a onça”, código pelo qual era conhecido o toque de recolher no centro da cidade, às 21:00 horas. (DOBAL, H, 1992. p.20)

Neste horário as moças de família já não podiam estar à vista, principalmente sozinhas, pelas ruas da cidade, e muitas voltavam para casa, do cinema e outros entretenimentos, sobre a tutela do pai, enquanto que, como predadores soltos e esfomeados, os moços, homens vividos, espertalhões, e outros indivíduos “másculos” que raiavam noite adentro – muitos desses na camufla – se dirigiam ao centro à procura de diversão, para cair nas fartas graças do meretrício local⁴.

Mas engana-se quem pensa que naquele lugar a vida se resumia apenas as gitações noturnas dos cabarés, não só de “putaria” vivia o Palha de Arroz! O dia também tinha sua

⁴ É necessário ressaltar que no centro, pela década de 40, já havia uma ampla variedade de prostíbulos, muitos deles inclusive já focados em um tipo de público, digamos, mais elitizado. Outro aspecto necessário de ressaltar diz respeito ao fato dos espaços voltados ao meretrício ampliar de acordo com o surgimento de outros bairros pobres da cidade. Em seu trabalho sobre a prostituição em Teresina, Bernardo Sá Filho descreve parte significativa da “Cartografia do Prazer”, já muito bem definida para além do centro da cidade. Segundo ele: “O circuito do prazer erótico iniciava-se na rua Paissandu e adjacências. Era a zona mais boêmia e mais estruturada, constituída dos cabarés mais famosos, clientes mais endinheirados e mulheres mais sedutoras. Ligada à Paissandu e contrastando como ela em infraestrutura, encontrava-se na Barrinha, à beira do rio Parnaíba, outro território de prostituição, conhecida como Palha de Arroz. Prosseguindo, chegava-se à Lucaia, Barroão, Cajueiros, Planalto da Vermelha e Capelinha de Palha, bairros pulverizados de pequenos e paupérrimos prostíbulos, alguns abertos publicamente, outros, disfarçados, onde se praticava a prostituição clandestina. Ao chegar-se ao bairro Piçarra, encontrava-se a segunda maior zona de prostituição denominada de Morro do Querosene, cujo eixo central era formado pelas ruas Santa Luzia e Tersando Paz. Pequenos prostíbulos pontuavam as margens dos trilhos do trem até chegar à Estação Ferroviária de Teresina onde, por trás, existia um outro aglomerado de prostíbulos bem paupérrimos conhecido por Móio de Vera. Seguindo a estrada de ferro chegando-se ao bairro Mafuá, o acostamento para o rebaixamento dos trilhos era chamado de “corte”. Ali concentrava-se um conjunto de pequenos cabarés formando outro baixo meretrício, chamado por alguns de “Canal de Suez”, por outros, de “Caco de Vidro”. Um pouco mais adiante, no bairro Matinha, existiam outros prostíbulos, fechando o ciclo com um cabaré conhecido como Cai N’Água, à margem direita do rio Parnaíba. Fora desse círculo, existiam outros espaços da prostituição, todos com nomes bem pitorescos: o Quebra-chifre, o Ralice ou Rala-Pau, no Matadouro; a Ema, no Morro do Urubu; o Brasília na Ilhota e o Purgal, nas imediações da sede do River Atlético Clube. Partindo-se do centro da cidade para a periferia, em todas as direções deparava-se com lugares da prostituição”. In: SÁ FILHO, op. cit. 2006. p. 67-68

própria mobilidade e com ela outros sujeitos que faziam parte da paisagem social da região. Havia um pouco de tudo em termos de marginalidade: vagabundos, valentões, vigaristas, proxenetas, larápios, surrupiaadores, etc. Havia também aqueles que se lançavam ao trabalho “pesado” da lida cotidiana, como era o caso dos pescadores, lavadeiras, estivadores.

Algumas mulheres do bairro que exerciam a função de meretrizes na parte da noite, muitas vezes, adotavam o anonimato durante o dia, visando se preservar aos olhos de conhecidos e fregueses, pois em alguns casos, se prostituir era uma forma de complementar a renda dos poucos serviços que arranjavam na rotina diária, principalmente como domésticas, lavadeiras, engomadeiras, etc.

Parte substantiva dos elementos narrativos supracitados se encontram registrados nos escritos voltados a retratar os acontecimentos de tal época. Dentre os mais relevantes é possível destacar a obra literária do escritor piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, o qual, em 1968, publicou o livro homônimo ao bairro histórico de Teresina: *Palha de Arroz*.

A obra em questão adquire evidência enquanto um trabalho focado em se apresentar como um evocativo a respeito da memória cidadina de Teresina à sombra da política de Vargas e Leônidas Melo no governo do estado. Ela também se oferece como um escrito histórico pautado na denúncia social, no que diz respeito à exposição dos atos de violência e coerção sofridos por parte da camada periférica residente na capital do Piauí (BARROS, 2012).

Tendo como intento promover uma abordagem acerca do cotidiano e dos conflitos sociais incidentes no bairro da região central de Teresina, Fontes Ibiapina constrói o perfil de personagens procurando reproduzir as experiências vividas pelos sujeitos que ocupavam cotidianamente tal ambiente, elaborando, desse modo, uma faceta da história local através de um romance literário.

A trama narrativa de *Palha de Arroz*, direciona o leitor ao drama que determinados sujeitos viveram mediante as ações políticas operacionalizadas na capital durante o Estado Novo. Enquanto escritor engajado, Ibiapina se mostra tributário de uma proposta textual voltada a aferir visibilidade aos subalternos. Sua preocupação está relacionada em promover a fala de um cotidiano dos indivíduos ordinários, marginais, que foram atravessados pela violência impressa nas medidas políticas da época, como também nas próprias dificuldades que cercavam suas condições de existência. Os casos presentes na obra, procuram rememorar os acontecimentos relacionados aos incêndios criminosos

Limpar para “civilizar”

Segundo o livro, *A cidade sob fogo*, do historiador Francisco Alcides do Nascimento, até o início do século XX, Teresina era constituída por elementos comuns aos espaços provincianos de uma cidade situada na região nordeste. A capital piauiense “não apresentava nenhum sinal urbano que a definisse como uma cidade moderna” (NASCIMENTO, 2002, p.120). Teresina se mostrava carente de saneamento básico, iluminação pública, água canalizada, dentre outras necessidades mais imediatas, como salientadas na obra em questão.

A partir das primeiras décadas do século XX, algumas transformações socioeconômicas ocorreram e influenciaram a estrutura urbana não apenas na capital como também em várias regiões do estado, contribuindo para o desenvolvimento local. Dentre essas é possível citar o crescimento econômico a partir do extrativismo vegetal nas regiões semiáridas do Piauí.

De acordo com Queiroz (2006), até a segunda metade do século XIX, a pecuária ainda se caracterizava como principal atividade econômica do estado, tendo a exportação do algodão como segunda atividade de maior relevância nessa esfera de produtividade e uma agricultura fortemente marcada enquanto uma atividade de subsistência. A partir do século XX, a produção extrativista adquire notoriedade, sendo capitaneada pela extração do látex da maniçoba nas regiões do extremo sul piauiense, impulsionando a economia do estado nas primeiras décadas do referido século, como assinala a autora na citação que se segue:

Ao longo das cinco décadas, a dinâmica da economia foi dada pelas exportações de produtos extrativos – borracha de maniçoba, cera de carnaúba e babaçu – que sobrepujaram e alteraram a função até então exercida pela atividade pecuária. Se, por mais de dois séculos, a base da economia do Piauí fora a criação do gado e à volta dela apenas desenvolvera-se rudimentar agricultura de subsistência, na primeira metade do século XX o estado concretiza o objetivo de integração ao modelo nacional, passando a ocupar um lugar mais ativo no âmbito da divisão internacional do trabalho (QUEIROZ, 2006, p.31)

Além da impulsão econômica, o extrativismo também contribuiu para uma nova dinâmica no que dizia respeito ao fluxo populacional, pois as cidades do interior que de alguma maneira se inseriram no corpo desse processo começaram a abrigar pessoas vindas de outras localidades a procura de emprego, causando, inclusive um escoamento demográfico em Teresina. Deve-se ainda ressaltar que como tendência natural de uma capital, Teresina

abrigava um significativo corpo de trabalhadores estáveis ligados ao funcionalismo público, os quais ajudavam a compor, junto com as famílias tradicionais residentes no âmbito local, uma significativa parte da elite urbana residente no centro da capital.

Esses elementos contribuíram para que nas primeiras décadas os ventos da modernização do espaço citadino fossem aspirados. Suas ventilações primárias vinham acontecendo desde os anos iniciais no século vinte, datando assim as primeiras marcas do progresso como “o fornecimento de água encanada (1906), telefone (1907), energia elétrica (1914), bonde com motor de explosão (1927)” (NASCIMENTO, 2002, p.124).

Agregam-se a esses, outros marcos de substantivas relevâncias, como o início da construção da ponte João Luiz Ferreira⁵ (1915), que ligaria Teresina ao Maranhão (Timon), a fundação da Academia Piauiense de Letras (1917), o cinema falado (1920), entre outros acontecimentos. A cidade ampliava com o alargamento e construção de novas ruas; entre a classe média local os hábitos europeus iam remodelando a rotina de moças e até mesmo rapazes, principalmente nas vestimentas. De fato, desde o início do século XX, é mister afirmar que:

Existiam as pretensões modernizadoras. A elite política e intelectual que reside na cidade constrói um discurso de modernização. Alguns acontecimentos marcam o cotidiano da cidade e de seus habitantes e os discursos construídos sobre eles traduziam a ideia de progresso. (NASCIMENTO, 2002, p.124)

Mas não se poderia falar em modernizar o espaço, em estabelecer uma ideia de progresso, sem perceber que a configuração urbana de Teresina, ao longo de sua formação histórica, concebeu uma paisagem forjada à sombra do contraste social, como delatada na escrita do cotidiano em Palha de Arroz. Aos poucos o poder público e a elite local foram entendendo que era necessário lidar com esta situação. Todas as transformações que a capital estava passando não eram suficientes para sobrepujar a pobreza e sua “nódoa” do tecido social que envolvia a cidade.

Esse era considerado um “problema” nevrálgico enraizado na composição do núcleo urbano local. Desde sua instituição enquanto capital, Teresina conviveu com grupos considerados marginais de latente carestia. Em sua pesquisa a respeito do imaginário e os

⁵ A construção da referida ponte favoreceu consequentemente a construção da linha férrea, em 1957, que ligava Teresina a São Luiz. Este teria sido um projeto da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA)

modos de vida em torno da pobreza, na capital entre os fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, Maria M. Balduino de Araujo, traz em sua abordagem uma espécie de descrição destes transeuntes na virada do século e como se encontravam distribuídos pelo centro e espaços comerciais de Teresina. Segundo a autora:

Esses pobres transitavam fracos, inválidos, famintos, cambaleando por entre a multidão, suplicando a todos uma ajuda. Eram mocinhas humildes, mulheres do povo, ébrios, vendedores de frutas, vendedores de flores, cargueiros d'água, artífices esfarrapados e operários, transportando em animais, lenhas ou pedras, porém todos condensando esforços para sobreviver. Isto constituía um vaivém nas ruas, o ir e o vir das mulheres, ora com trouxa de roupas na cabeça, ora com potes de barro, em busca do rio Parnaíba ou com mala na cabeça, descendo a rampa nesse rio para tomarem lugar na embarcação, visando não só seus próprios sentimentos, mas principalmente sua sobrevivência. Esta cena mudava nas estações chuvosas, quando ocorriam raios e trovões na “chapada do corisco”. (ARAÚJO, 2010, p.57)

Os anos se passam e os discursos que cerceiam esses sujeitos mostram suas permanências trajadas em novas indumentárias. Balduino de Araújo, ainda situando ao seu empreendimento intelectual, traz à tela o fragmento de uma crônica jornalística na qual o escritor continua a mostrar sua preocupação com os errantes, agora nutrindo algumas pautas e determinadas projeções para a cidade.

Já construímos uma sociedade civilizada, pensamos na higiene de nossa capital e esperamos ansiosos a luz e o bonde elétrico... Seria uma injustiça, um erro deixar que eles, “coitadinhos”, continuem assim abandonados aos vendavais da vida – dessa vida miserável e cheia de dores por onde penosamente se arrastaram. (ARAÚJO, 2010, p.137)

A fala em questão é datada de 1912, nela se observa as transformações que a cidade de Teresina passava: o discurso da civilidade, a expectativa de progresso, um apelo a higienização do espaço urbano, a conscientização social de que os “coitadinhos” deveriam ser tratados como um caso público no qual o estado teria que cuidar de sua sorte. Todos esses aspectos estavam ligados aos preceitos que fomentavam um projeto vinculado à modernização.

Teresina, assim como outras capitais nordestinas como Recife e Fortaleza, nutria o desejo de sofisticar-se e, se não detinha recursos financeiros ou uma burguesia amplamente

abonada para embalar a versão calcinante da *belle époque* na “Chapada do Corisco”, a ideia de progresso e modernização do espaço seria uma causa a ser idealizada por décadas.

Durante várias gestões políticas municipal e estadual, foi possível se deparar com medidas e discursos em que a temática da modernização local adquiriu sua chancela. Na gestão de Leônidas Melo, este discurso esteve intrinsecamente ligado às medidas de assepsia social, as quais, diga-se de passagem, há muito também já haviam sendo realizadas. As casas de palha não deixavam de ser um problema “crônico” para o discurso e as práticas higienistas na época, principalmente quando estas estavam ligadas às zonas de prostituição e periferias da cidade.

Em determinados episódios o poder público chegou a propor medidas legais para que evitassem suas construções, como foi o caso de um decreto municipal, datado de 1910, aprovado pela câmara municipal, no qual se proibia a construção das casas de palha, e antes mesmo do referido decreto ter sido votado e entrado em vigor, as casas de palha já não eram, segundo a legislação local, consideradas imóveis em virtude de sua fragilidade e alta exposição a má sorte. (NASCIMENTO, 1994, 2013)

De fato, era perceptível que nos períodos de estiagem, onde o calor extremo mostrava todo seu furor, as casas de palha revelavam o quanto eram vulneráveis a essa situação e em muitas ocasiões se presenciava incêndios acidentais que ocorriam em cadeia (MENDES, 2002). Mas se tratando dos incêndios criminosos que assombraram Teresina, o agenciamento de tais atos teria encontrado seu ponto máximo na década de 1940 quando estiveram relacionados novamente a um discurso modernizador do espaço urbano encabeçado pelo poder público.

Nesse contexto chama atenção a ação incisiva da polícia militar, que liderada pelo capitão Evilásio Vilanova, iria promover uma verdadeira campanha de caça-às-bruxas, sendo convertido em um aparelho repressivo. Sequiosa em oferecer uma resposta, mesmo que forjada, à opinião pública, a polícia militar do Piauí teatralizou uma busca incansável aos supostos incendiários.

O comandante da polícia militar, iria se colocar como o homem que estava reorganizando e moralizando a cidade, conseqüentemente procurou ser associado a uma espécie de paladino incansável a procura de soluções para os crimes incendiários, num momento em que gozava de certo prestígio e já se situava como braço direito de Leônidas

Mello⁶.

O inimigo Nº 1 do estado

O sol vibrante do popular “B-R-O: bró”⁷ piauiense oferecia a tônica necessária para as ocorrências diárias. Ao meio-dia estava marcado o funesto ritual e assim começava o espetáculo tenebroso. As labaredas de fogo tomavam conta de um barracão qualquer na periferia. Logo, uma multidão se aglomerava. Alguns se mobilizavam e procuravam ajudar da maneira como podiam; outros ficavam estáticos, em pleno transe, a contemplar, num misto de insignificância, impotência e desespero, o “castigo” flamejante lançado àqueles que pertenciam à escoria da “cidade verde”, aqueles que a sujavam com sua presença, indivíduos de pouca relevância que só adquiririam algum registro de seus trajetos, quando lançados à vala dos “comuns”, fazendo parte de uma estatística decrépita em que eram marcadas as perdas do pouco que tinham, quando não de suas próprias vidas, a violência oferecia seu “espetáculo”

O fogo continuava e em poucos minutos a polícia e bombeiros (outra sofisticação de Vilanova para a segurança pública) chegava para contracenar qualquer ato de ordem, simbolizando a assertiva que a segurança tardou, mas não falhou. Este ritual se repetia dia após dia. A cidade em seu cotidiano criava as insígnias que alardeavam o terror. A palavra “fogo”, dita em público tinha o poder de causar um frisson e descontrole coletivo. Logo, fora advertida terminantemente seu uso indiscriminado e irresponsável. (LIMA, 2010)

Os sinos da Igreja São Benedito, no coração da capital, tilintavam na hora marcada ao anunciar o momento em que o terror já teria iniciado. A frequência dos incidentes começou a levantar suspeitas, afinal de contas, quem era o autor dos incêndios que ocorriam diariamente na periferia da cidade? Quais os motivos que incentivavam seu sadismo? Enquanto alguns alimentavam esta dúvida, em certas quebradas, longe da cabuetagem, algumas vozes periféricas já tagarelavam o nome do abominável artista: O comandante Evilásio Vilanova, mas cogitar essa ideia em público seria sentenciar o próprio fim.

De acordo com os defensores desta teoria a ideia inicial era desestabilizar o governo

⁶ Para saber mais sobre Evilásio Vilanova, ver: ATANASIO, Francisco C. O. **Bem além da cova do Leão...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR), 2016. Tese de Doutorado.

⁷ Termo coloquial que designa o período que decorre entre os meses de setembro a dezembro, fase na qual ocorre ápice do calor e estiagem no estado do Piauí.

de Leônidas Melo com a realização dos crimes, mostrar que o interventor não teria mais pulso, ou condições morais para continuar sua administração a capital e, conseqüente, ceder seu espaço, seja por ação espontânea ou por ordem superior, a quem de fato estava a zelar por ela, o comandante Vilanova, no caso. Ao tempo em que se defendia esta conjetura, se configurava uma segunda finalidade para os incêndios criminosos. Se inicialmente eles estavam relacionados ao discurso higienista encabeçado pelo poder público a estratégia agora estaria agregada a minar e implodir o próprio interventor federal, Leônidas Melo, utilizando tal recurso.

A imprensa local e seus intelectuais se mostravam praticamente estéreis em relação às críticas vinculadas ao governo. Em 1943, no auge dos incêndios criminosos, ocorreu a publicação no Diário Oficial do Estado de 01 de outubro, que trazia a promulgação do decreto Lei nº 4.766, o qual proibia os cidadãos de tecer comentários considerados “desrespeitosos” ou publicar escritos que questionassem a autoridade moral da polícia. Aqueles que não respeitassem o decreto poderiam ser presos e julgados, podendo sofrer até seis anos de reclusão (NASCIMENTO, 1994).

Tal medida nada mais evidenciava que a natureza repressora que o estado vivia, a lei da mordça mostrava sua eficiência, os jornais falavam dos temas mais variados: esportes, política internacional e até mesmo de um pouco do cotidiano da elite local nas colunas sociais e classificados. A segunda guerra mundial tornara-se notoriamente o grande tema de destaque da época, os jornais destrinchavam basicamente tudo que ocorria entre as nações europeias. Havia uma circulação de escritos sobre os principais personagens como Hitler, Mussolini, Churchill, dentre outros.

O conflito em escala mundial se tornava um eficiente paliativo para omitir os acontecimentos locais, principalmente os incêndios criminosos que continuavam a tomar conta da capital. Em algumas ocasiões a imprensa mostrava toda sua tendência e sujeição ao governo. Os jornais “O Diário do Piauí”, “O Movimento” e “Gazeta”, adotavam uma clara postura de admiração e respeito a Leônidas e seu séquito, inclusive Evilásio Vilanova. Certos jornais pareciam até mesmo nutrir determinada irrisão e indiferença à situação aterrorizante em que a comunidade das regiões mais pobres se encontrava.

É possível inferir essa postura, por exemplo, em um artigo que trazia o noticiamento da ocorrência de incêndio em um dos bairros periféricos de Teresina, trazido a público pelo jornal Gazeta:

A população do bairro “Cajueiro” viveu ontem momento de intensa expectativa quando, na rua David Caldas, no referido bairro, irrompeu um incêndio que, graças aos nossos homens do fogo, não tomou proporções alarmantes. Eram mais ou menos onze horas, quando, na casa de dona Joana Leite Amorim, estava sendo preparado o almoço. De súbito, as labaredas do fogão, que ficava ligado à parede de taipa, ganham os talos e cipós da mesma, atingindo as palhas da coberta, iniciando-se, desse modo, um incêndio. Logo em seguida passa-se o mesmo para casa da vizinha... Dado o alarme, movimentaram-se os carros do nosso corpo de bombeiros chegando ao local a tempo de evitar a propagação do sinistro...

O nosso corpo de bombeiros, ideia e realização do Tenente-Coronel Evilásio Vilanova, provou sua eficiência no combate às chamas, que durante esta época do ano, são o terror da população suburbana residente em casa de palha.

Durante o combate ao fogo, o tenente-coronel Evilásio Vilanova, Chefe de Polícia, esteve assistindo de perto todas as manobras, sugerindo providências com as quais pudesse ser debelado imediatamente o sinistro¹⁷⁹.

O artigo do jornal noticia um incêndio acidental, fruto de um descuido doméstico. Chega a ser irônico que num período marcado por crimes oriundos de incêndios premeditados, se dê destaque para uma fatalidade isolada. Chama ainda mais a atenção, o tomlouvaminheiro pelo qual é descrito o trabalho de inspeção de Vilanova e a eficiência de sua “invenção”, o corpo de bombeiros, para a segurança pública local, o que nos leva a pressupor que o articulista estava mais preocupado em elogiar as “feitas notórias” do chefe de polícia, que pautar a situação de perigo a qual certa comunidade da periferia da cidade teria experienciado.

A rotina dos crimes se fazia constante, e o tenebroso espetáculo continuava com todos os seus ritos. Em meio à multidão aparecia um jovem que em pouco tempo começaria a chamar a atenção e trazer certo incômodo aos “defensores da ordem”. Não era difícil identificá-lo, pois se distinguia, com sua boa aparência, em relação a grande parte da arraia miúda. Quando se iniciava os incêndios, era um dos primeiros a marcar presença, o que ocorria porque tinha um dos raros veículos privados da cidade naquela época, o que dizia muito sobre seu status social.

Este rapaz logo começou a causar dor de cabeça ao poder público, realizando acusações às claras, sem medo de sofrer repressão ou qualquer tipo de fim inesperado. Mas isso só era possível porque ele justamente pertencia a uma das famílias mais ricas de Teresina

em sua época. Em pouco tempo Vilanova viu-se mediante um sério problema: como calar aquele maldito burguês?

O comandante sabia que ter um inimigo declarado da elite social teresinense era algo que poderia dismantlar todo um possível “esquema” do governo ou projeção do chefe de política, uma situação que certamente iria gerar sérias consequências. Enfim, os principais representantes da administração pública do estado se encontravam em xeque. Leônidas Melo e Evilásio Vilanova iriam se deparar com seu inimigo número um no estado. Seu nome? José Cândido Ferraz.

Cândido Ferraz, era um jovem médico, tinha aproximadamente entre 28 e 30 anos neste período. Conhecido da alta sociedade piauiense, era filho de Antônio Leôncio Bulamarqui Ferraz, um comerciante bem-sucedido e dona Elmira Ferraz, oriunda de uma família tradicional do interior do estado, detentora de muitas posses de terra. Esta era católica fervorosa e consagrou ao seu filho, José Cândido, o apadrinhamento de Dom Severino Melo o primeiro arcebispo de Teresina.

Ferraz era opositor incansável do regime político instaurado com o Estado Novo, o que resultou, de sua parte, em duras críticas ao interventor federal Leônidas Melo e, conseqüentemente, a Evilásio Vilanova. Com a frequência dos incêndios, começou a realizar discursos públicos, organizar reuniões abertas na periferia cidade, onde denunciava as arbitrariedades das autoridades estaduais e os associavam a tais crimes. Aos poucos foi adquirindo vínculo a outras figuras que também adotavam uma ótica avessa ao governo e, desse modo, foi compondo uma frente política oposicionista, que futuramente, em 1945, derivaria na União Democrática Nacional (UDN), no Piauí.

Para o governo, naturalmente, a situação era de total incômodo, era necessário reter de alguma forma as críticas públicas que sofria por parte de seu notório opositor. Agregado a esse aspecto, os incêndios continuavam e os nomes dos criminosos ainda eram desconhecidos, a sociedade Teresinense queria uma satisfação, o governo do estado ia se tornando alvo de desconfiança pública e o sentimento de insegurança crescia exponencialmente entre os cidadãos locais.

Mediante este quadro, Vilanova promove a realização de seu empreendimento mais radical na chefia da polícia militar. Se em seu trajeto frente a segurança pública piauiense os argumentos que o colocavam ligado a autoria dos incêndios criminosos ou a teorias de conspiração contra Leônidas Melo – visando ocupar o lugar do mesmo frente a interventoria

federal – eram meramente especulativos, destituídos de qualquer comprovação material, não se poderia dizer o mesmo da conduta radical que adotara ao impor uma verdadeira caçada aos criminosos incendiários, isso implicava em construir envolta de determinados indivíduos uma série de discursos, os quais pudessem ser relacionados a tais figuras enquanto possíveis incendiários criminosos.

A ação policial fechava o cerco contra todos aqueles que de algum modo pudessem assinalar qualquer tipo de incriminação. Agora o tenebroso espetáculo contava com a ação truculenta, com fortes doses de violência física, da polícia militar, que ao chegar nos locais onde ocorriam os incêndios promoviam prisões desvalidas de critério. Qualquer um associado a um perfil “marginal”, ou suspeito em potencial, poderia ser preso. É claro que dentro desta lógica boa parte dos detidos eram os moradores da periferia, curiosos, trabalhadores braçais, falastrões e, obviamente, opositores do regime político da época.

Vilanova capitaneou uma operação na qual converteu seus homens em capangas que agiam adotando uma força desmedida, pois só assim, doutrinando o chefe de polícia, iria se “descobrir” quem estava por trás dos crimes. O próprio interventor começou a exigir que os responsáveis deveriam ser pegos e punidos. Segundo as pesquisas de Nascimento, cerca de 200 pessoas foram inquiridas, das quais 37 foram presas, interrogadas, agredidas e torturadas.

Muitos suspeitos eram levados na *Carinhosa*⁸ para bairros de poucas habitações, quase inóspitos, como Ilhotas ou Tabuleta, e lá sofriam todo tipo de castigo: desde açoites até mesmo a cruel experiência de ser enterrado vivo, castigo no qual os detidos ficavam apenas do pescoço à cabeça exposta para fora do buraco e o resto do corpo estava fincado chão adentro. A finalidade era fazer com que os presos falassem os nomes “convenientes” através do sofrimento, através da dor.

Eles eram induzidos com fotografias ou nomes. A partir desses recursos, os presos submetidos à violência policial deveriam afirmar que reconheciam as personagens, ali impressos, como responsáveis pelos incêndios. Entre os pretensos “meliantes”, presentes no rol dos nomes e fotos com os quais se pressionava os torturados para obter confissões, se encontrava a pessoa de José Cândido Ferraz.

Em virtude das manifestações de Ferraz, algumas frentes começavam a se organizar para demonstrar sua insatisfação com a política e administração estadual, era necessário barrar seu ímpeto, desmoralizá-lo e puni-lo pela afronta e desconforto que estava promovendo.

⁸ Nomenclatura irônica atribuída à veiculo de patrulha da polícia militar.

Acusá-lo enquanto “incendiário” soava como uma solução perfeita e na medida, pois assim ele iria “pagar” por tudo que falava. No caso, seria usada contra ele a mesma moeda lançada contra Leônidas Melo e Vilanova na “campanha” de oposição a ambos, ou seja, a acusação de autoria intelectual dos incêndios.

Desse aspecto em particular incide uma terceira conjectura relacionada a tal prática criminosa. Poder-se-ia afirmar que nos anos 40 os incêndios não estariam apenas ligados ao discurso da remodelação estética e higienização de Teresina, ou como medida interna pensada como uma forma de desestabilizar a administração pública estadual para forçar a queda do interventor federal. Agora tais crimes também poderiam ser compreendidos como uma ação ligada a penalização de opositores do estado, que adotarão um confronto aberto a partir da ascensão de grupos político-partidários com abertura política e democrática cada vez mais eminente.

Vilanova adotou um discurso que condizia com a nova proposta então pensada. Ele então começou a divulgar a “crença de uma organização criminosa”, ‘sinistra’ que promove incêndios, e que continha uma hierarquia interna, composta por chefes e comandados. (NASCIMENTO, 1994) Desse modo, a polícia “política” piauiense e seu regente preparavam a armadilha para finalmente pegar, na marra, a quem tanto os incomodava.

A ação violenta da polícia causou uma serie de impactos sobre os sujeitos que, por algum motivo, acabaram sendo associados à suposta “organização criminosa” dos incendiários de Teresina. Muitos cultivariam traumas irreparáveis, sequelas danosas, das sessões de tortura que sofreram. Luiz Enfermeiro, funcionário público e ativista político, ficara aleijado após passar por tal situação.

O comerciante Albino Gomes Alencar, outro crítico da administração pública, além das agressões “comuns” foi enterrado vivo, mas conseguiu sobreviver aos castigos e passou a viver com graves distúrbios mentais que o levaram a realizar um tratamento psicológico por vários anos. Luiz Eduardo Ferreira e Sebastião da Silva foram vítimas da mesma experiência. O operário Manoel Gomes Feitosa fora brutalizado por dias seguidos, sendo colocado para morrer aos poucos em uma cela enquanto se via paulatinamente consumido pela dor.

Todos esses personagens sofreram a um certo extremo ao tempo induzidos a acusar José Candido Ferraz como o mentor, o autor intelectual dos crimes; muitos, inclusive, foram forçados a assinar um documento confirmando a delação (RODRIGUES, 2013). Mediante as acusações forjadas, Vilanova conseguiu expedir junto ao juiz Pedro Conde o mandato de

prisão a José Candido Ferraz.

Tudo parecia sair conforme o planejado, mas o que a polícia política e seu chefe esqueceram foi de levar em conta a repercussão que tais ações poderiam ter em curto/médio prazo. De imediato, a operação teria efeitos catastróficos junto ao governo em meio à opinião pública. Começou-se a circular na cidade burburinhos a respeito dos horrores que os suspeitos passavam ao ser torturados. Leônidas Melo dizia não ter qualquer conhecimento do que acontecia efetivamente em relação às ações da polícia militar.

Surpreendentemente, Vilanova se viu destituído do respaldo que sempre teve junto ao interventor, que, como forma de prestar um esclarecimento público aos boatos que circulavam a respeito das ações embrutecidas da polícia, delegou o médico e conselheiro Agenor Barbosa de Almeida – o qual convidou conseqüentemente o colega Antenor Neiva – para realizar uma inspeção, sem qualquer intrusão de Vilanova, junto ao Quartel da Força Pública, onde os acusados se encontravam encarcerados.

Outro problema que o gestor da segurança pública no Piauí teve que lidar foi com a popularidade de Cândido Ferraz. Em sua cruzada contra a política da interventoria federal, o jovem médico foi adquirindo notoriedade. Tal acusação foi fruto de incredulidade por significativa parte da alta e média sociedade piauiense, a qual externalizava vários outros significados para sua prisão: inveja, implicância, rivalidade pessoal.

Além da liderança política adquirida e o carisma popular, José Candido Ferraz ainda contava com outros fatores ao seu favor: o poderio econômico e o prestígio social. Como dito anteriormente, Ferraz cresceu cercado por pessoas influentes, um jovem rico, de “boa” índole e formação, dificilmente se encontraria desamparado em tal situação. Tais credenciais refletem na sua prisão, que fora efetuada em 31 de agosto de 1943, acusado de autoria intelectual dos incêndios criminosos. Três dias depois, em 03 de setembro de 1943, o Tribunal de Justiça do Piauí o concede habeas corpus, promovendo sua soltura e o direito de responder ao processo em liberdade.

Mesmo antes de seu julgamento, Cândido Ferraz contava com o apoio de várias figuras expressivas da sociedade piauiense, dentre elas a maior autoridade eclesiástica do estado: Dom Severino Melo, que conseqüentemente se dispôs a testemunhar em seu favor. Em um artigo do jornal sobre o caso, assim falou o arcebispo a respeito do então acusado:

Tão certo estou da inocência desse rapaz que não vacilarei em dar-lhe toda a minha assistência, empregando os meus préstimos pessoais em seu favor. Todos os teresinenses sabem como o dr. José Candido Ferraz ampara a pobreza, socorrendo como médico, gratuitamente, os enfermos que necessitam de sua assistência profissional, fornecendo medicamentos e dinheiro aos mais necessitados. Um homem que assim procede não iria lançar numerosas famílias humildes ao desabrigo executando crime tão perverso... (INCÊNDIOS, Teresina: a cidade dos. In: Correio da Manhã. 16 de out. 1943. p.05)

O posicionamento do arcebispo seria de grande valor para a decisão tomada pelo juiz Pedro Conde. O caso iria ser julgado pelo Tribunal de Segurança Nacional, uma vez que os incêndios criminosos foram considerados pelo juiz crimes de segurança nacional. Neste episódio viria a grande derrocada da gestão estadual. Muito se deve ao fato das denúncias de maus-tratos, em âmbito nacional, aos presos associados a tais crimes. Essas denúncias foram realizadas através do relatório feito pelos médicos-inspetores Agenor Barbosa de Almeida e Antenor Neiva, que se chocaram com a situação em que os presos se encontraram.

Outro fator capital para o desfecho do caso foi a morte do operário Manoel Feitosa, que muito provavelmente não suportara os procedimentos realizados nas sessões de tortura a que fora submetido. Os referidos médicos, ao se depararem com o indivíduo, suspeitaram de que o mesmo teria sido vítima de um deslocamento intestinal, resultado dos espancamentos sofridos. Dias após a visita, Manoel Feitosa teria morrido e Vilanova mandado realizar o enterro, como indigente, sem que houvesse exumação do corpo.

O chefe de polícia argumentara que a morte de Manoel Feitosa fora resultado dos hematomas sofridos em um confronto com os policiais quando o mesmo recebera ordem de prisão e tentou resistir reagindo, armado. Segundo o chefe de polícia, Manoel Feitosa era conhecido por ser:

...forte e perigoso. Sua fama de brigador era por todos conhecida... ao se ver descoberto por saber que não era inocente, aquele indivíduo surgiu à porta de sua casa já armado de cacete e faca. Logo que viu os policiais avançou, derrubando um dos guardas civis. Lutou como uma verdadeira fera, sendo finalmente subjugado e trazido para a polícia. Estava naturalmente ferido e, em consequência dos ferimentos que ele próprio provocara, veio a final a morrer. (INCÊNDIOS, Teresina a cidade dos. In: Diretrizes. Rio de Janeiro, 30 de set. 1943. p.23)

Entretanto, pouco tempo depois, o próprio Vilanova se colocou em contradição ao justificar em seu relatório que o operário teria sido vítima de febre tifoide, o que foi visto com muita desconfiança⁹. A morte de Manoel Feitosa trouxe sérios problemas para a gestão pública de Leônidas Melo e principalmente Evilásio Vilanova, uma verdadeira desgraça se levando em conta os frequentes comentários que circulavam a respeito das torturas empregadas aos presos. Mediante a situação, o interventor não viu outra opção de afastar definitivamente Evilásio Vilanova da chefia de polícia.

Com a imagem desgastada no estado, Vilanova resolveu regressar, junto com a família, para o Rio de Janeiro. Seu lugar foi ocupado pelo Major Vitorino Correia. Meses depois, em 14 de maio de 1944, Cândido Ferraz e mais outros presos vão a julgamento. Neste evento, após as exposições do advogado Vitor do Espírito Santo, o qual também fazia cobertura dos incêndios criminosos para o jornal carioca “Diretrizes”, e dos juristas Rita Cardoso e Clodomiro Andrade, José Candido Ferraz e os demais indiciados foram considerados inocentes.

Segundo o relator do processo, Ministro Theodoro Pacheco, “por maioria dos votos, o Tribunal julgou-se incompetente para decidir o feito, determinando a imediata soltura de todos os denunciados que ainda se encontram presos” (SEGURANÇA, 10 de dez. 1944. p.03), pois não havia provas cabais de que os delitos pelos quais foram indiciados se tratavam de crimes políticos. Logo em seguida, encaminhou o caso para o Tribunal de Segurança Nacional.

Nesta outra instância, o Juiz Pedro Conde concebeu nova vitória a Candido Ferraz e os outros acusados, após analisar o julgamento anterior do processo e apreciar os depoimentos do Major Adovaldo Figueiredo de Sousa e do Arcebispo Dom Severino Melo, depoimentos nos quais se isentava Cândido Ferraz e os demais do referido crime e que, em contrapartida, responsabilizava a polícia militar pelos procedimentos excessivos no que diz respeito à interpelação dos suspeitos e outros equívocos na regência do caso. Com tais palavras assim foi concluído julgamento pelo referido Juiz:

Nesta hora, estou absolutamente convencido de que pela sua ação moralizadora do interventor federal já estão afastados das funções, em bem da ordem e do sossego teresinense, aqueles maus elementos. Quanto ao

⁹ INCENDIÁRIOS, os. In: **A Noite**. Rio de Janeiro, 17 de dez. 1943. p.08

terror que reinou por alguns dias em Teresina, não tenho a menor dúvida de que ele foi provocado pela ação errônea e prejudicial de elementos policiais que não estavam a alturas de suas funções, bastando para justificar tal convicção o depoimento do venerado bispo de Teresina, Dom Severino Vieira Melo. (AUTORIDADES, Veementes acusações contra as. In: Diário da noite, 10 de dez. 1944. p.05)

Considerações Finais

Em 1945, com os últimos atos da ditadura Vargas e as possibilidades de uma abertura, tanto os grupos elitizados da oposição, quanto da situação, deram início a uma articulação visando estabelecer um segmento na corrida política do estado que pudesse tomar de vez as rédeas do poder local e impor “novos” ditames.

Emblematicamente, os últimos eventos da gestão de Leônidas Melo e ascensão de José Candido Ferraz acenavam o término de uma fase de conflitos sociopolíticos, mas não para o seu fim. Melo, em outubro deste mesmo ano concluiria seu papel à frente do estado, após 10 anos como interventor federal. Sua saída da administração estadual, deu início a uma série de substitutos ao cargo em um curto período de tempo¹⁰. A ele foi incumbida outra função em nome do estado maior: ser o fundador oficial do Partido Social Democrático, no Piauí, PSD/PI

Cândido Ferraz, por sua vez, se aproximaria de outros nomes da elite política Piauiense, como Helvécio Coelho, Eurípedes Aguiar, Dario Fortes, dentre outros, e formaria o núcleo político da UDN/PI. Nas eleições de 1945 teria seu nome plenamente consolidado, enquanto liderança política, ao ser eleito de maneira arrebatadora como o deputado federal mais bem votado do estado do Piauí.

Mediante a exposição do novo quadro político, que estava se configurando, era possível perceber que, as personalidades que disputariam o poder iriam se encontrar encobertas pelas vestes das siglas político-partidárias. Frentes coletivas iriam ocupar o lugar

¹⁰ Contando os substitutos interinos ao todo foram seis interventores no período de outubro de 1945 a abril de 1947. Foram eles: Antônio Leôncio Pereira Ferraz (11/1945 – 12/1945), Benedito Martins Napoleão do Rego (12/1945-03/1946), José Vitorino Correia (03/1946 – 09/1946), Manuel Sotero Vaz da Silveira (09/1946 – 10/1946), Teodoro Ferreira Sobral (10/1946 – 03/1947), Valdir de Figueiredo Gonçalves (03/1947-04/1947).

de personagens isolados, mas a violência e os mesmos recursos usados até então – como a prática incendiária – teriam sua continuidade.

Referências

Bibliografia:

ARAÚJO, Maria M. Balduino de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobre vivência em Teresina.** Teresina: Edufipi, 2010.

ATANASIO, Francisco C. O. **Bem além da cova do “Leão”:** tensões políticas, cultura de violência, e criminalidade, no Piauí, através de uma trajetória pouco venturosa (1901-1956). Curitiba: Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR), 2016. Tese de Doutorado.

BARROS, Eneas. **Nonon:** o menino da Lagoa Grande. Biografia do jurista e escritor Fontes Ibiapina. Teresina: Ed. Nova Aliança, 2012.

CARDOSO, Elisangela B. **Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1930-1960).** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2010. Tese de doutorado

DOBAL, H. **Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves; 1992.

IBIAPINA, Fontes. **Palha de Arroz.** Teresina: Halley, 2007.

LIMA, Afonso. **A cidade em chamas:** poema trágico de um crime impune. Teresina: Multiservice, 2010.

MENDES, Raimunda Celestina. A cidade incendiada: uma visão histórica e literária dos incêndios de Teresina. In: **Scientia et spes:** revista do Instituto Camilo Filho. Teresina: IFC. Vol.01, nº2. 2002.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo:** modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense:** da pecuária ao extrativismo. Teresina: Edufpi, 2006.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Cinema, Invenção do diabo? In: **Cadernos de Teresina.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano VII, n. 15, dez. 1993.

RODRIGUES, Toni. **Cinturão de Fogo.** Teresina: Nova Aliança, 2013.

SANTOS, Raimundo N. L. dos. **Timon, uma flor de cajazeira**: do povoamento à vila. Timon: Grafeti, 2007.

SÁ FILHO, Bernardo P. de. **Cartografias do prazer**: Boemia e Prostituição em Teresina (1930 – 1970). Teresina: Universidade Federal do Piauí (PPG/UFPI), 2006. Dissertação de Mestrado.

Jornais

A Noite. Rio de Janeiro, 17 de dez. 1943.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 16 de out. 1943

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 05 de dez. 1944.

Diário da Noite. Rio de Janeiro, 10 de dez. 1944.

Recebido em: 06 de maio de 2019.

Aprovado em: 07 de junho de 2019.